

“REVOLTA DA CANETA”: AS ESCREVIJÊNCIAS DE MULHERES AFRO-BRASILEIRAS ATRAVÉS DA POESIA DO SLAM NO CAMPEONATO PAULISTA DE POESIA FALADA DE 2022

Laura Ferreira de Abreu¹

Uinicius Romanin²

Resumo

Esta análise de produto cultural/social busca entender a importância do Slam como espaço de amplificação e visibilização das vivências femininas afro-brasileiras. Como objeto de estudo, serão utilizadas as poesias apresentadas por cinco poetas negras na final do Campeonato de Poesia Falada de São Paulo 2022. Partindo do princípio do conceito de escrevivência da Conceição Evaristo, este artigo sustenta a inferência que as poesias destas slammers carregam todas as suas experiências marcadas pelas discriminações de raça, gênero e classe.

Palavras-chave: *Slam; Poesia falada; Mulheres negras no slam; Afro-brasileiras.*

INTRODUÇÃO

“Pow, pow, pow”: é esse o som da plateia quando os jurados dão as notas para as slammers, após não mais de três minutos em que despejam sobre os ouvidos do público as suas vivências, angústias, emoções e percepções do mundo. Mas, afinal, o que está por trás das palavras encenadas com o corpo e a voz?

Este trabalho se propõe a estudar como as vivências e experiências de mulheres negras são narradas a partir das poesias faladas declamadas e encenadas no Campeonato

¹ Pós-graduanda em Mídia, Informação e Cultura no Centro de Estudos Latino-Americanos de Cultura e Comunicação (CELACC) da USP. Graduada em jornalismo pela Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG).

² Professor da Escola de Comunicação e Artes (ECA), do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação (PPGCOM) e do Programa de Pós-Graduação em Estética e História da arte (PPGEHA). Pesquisador do Centro de Estudos Latino-Americanos de Cultura e Comunicação (CELACC).

Paulista de Poesia Falada de 2022³. Para mais, busca entender como as slammers utilizam do espaço das batalhas de slam para manifestar e colocar em destaque as suas narrativas.

O slam é uma batalha de poesia falada que tem como proposta dar espaço para poetas expressarem sua arte através da voz e do corpo. Os encontros do slam acontecem em lugares públicos e têm crescido de forma exponencial no Brasil, tornando uma forma de expressão artística de grupos marginalizados, como a população negra e LGBTQIAPN+.

Para este trabalho, foi considerado o recorte interseccional de gênero e raça para analisar as poesias que foram declamadas na final do campeonato paulista de slam, a 1ª competição estadual de slam do país organizada pelo Núcleo Bartolomeu de Depoimentos e com 10 anos de tradição. A edição mais recente deste campeonato é a que será analisada neste trabalho, ela ocorreu do dia 20 a 23 de outubro de 2022 e reuniu 44 poetas do estado inteiro⁴. A final foi disputada por seis poetas, sendo que cinco eram mulheres negras. Os cinco melhores desta edição foram classificados para a competição nacional de slam.

Neste sentido, o presente artigo busca analisar o conteúdo das poesias que foram apresentadas, partindo do princípio que o slam é uma expressão artística que amplifica a escuta sobre temas sociais. Para isso, a tese se apoiará no conceito de escrevivência de Conceição Evaristo e nas referências teóricas que trazem um panorama do porquê a mulher negra ainda hoje precisa gritar as violências pelas quais é submetida.

A discussão sobre a posição da mulher negra na sociedade não se esgota e ganha novas manifestações e visões a todo instante. Entender o que faz estas mulheres ocuparem o espaço de subalternidade em que se encontram é necessário para se perceber como os locais em que expressam as suas vivências, como o slam, são poderosos meios de difusão e visibilidade.

A poesia do Slam é um meio que permite que elas se expressem livremente sobre suas identidades e experiências, oferecendo um espaço seguro de escuta para essas mulheres, que são historicamente silenciadas pela sociedade. Através de suas performances poéticas, elas abordam questões como racismo, sexismo e opressão.

³ A final foi transmitida pelo canal do Núcleo Bartolomeu de Depoimentos e todo o material de análise deste trabalho é fruto desta transmissão. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=O9rXpGZ43To>. Acesso em 5 de maio de 2023.

⁴ Disponível em <https://noticiapreta.com.br/slam-sp-biblioteca/>. Acesso em: 5 jun. 2023.

À vista disso, retorna-se à pergunta do primeiro parágrafo para reforçar o propósito pretendido com essa produção: como estas vivências se expressam nas poesias destas mulheres negras?

ÁGORA PERIFÉRICA E ESCREUIVÊNCIA COMO EXPRESSÃO DA BASE

Imagine o seguinte cenário: um local público, o povo amplificando suas vozes e uma plateia participando e interagindo. Esta situação pode ser facilmente imaginada com uma ágora ou slam, sendo que uma das diferenças primordiais entre ambos os espaços é o caráter mais democrático deste último. Para contextualizar, o termo ágora como uma forma de analogia ao slam aparece em algumas referências consultadas para este trabalho. Contudo, para melhor representar essa expressão artística, faz-se necessário ressignificar o termo para ágora periférica, afinal, este espaço poético tem DNA e é produzido, majoritariamente, pela base da sociedade: a periferia. Isso se manifesta não somente de forma geográfica, uma vez que muitas batalhas de slam são realizadas justamente em locais longe do centro, mas também pelo perfil dos poetas.

Por ter ganhado aspecto político e social, o slam pode ser entendido não apenas como uma expressão artística, mas um espaço para descolonizar a fala e para manifestar narrativas que não possuem liberdade de circular em outros espaços culturais e hegemônicos. É na ocupação de lugares públicos com pessoas, em sua maioria, marginais e periféricas que este movimento se torna tão latente e mostra a sua importância.

Muito mais do que expor, o slam é um lugar de escuta e é justamente este ponto que se torna central: os grupos marginalizados querem ser escutados, querem ter as suas dores escutadas e visibilizadas. A slammer, autora e diretora Roberta Estrela D’Alva faz a colocação que esta escuta é radical⁵, uma vez que o público irá absorver a poesia e refletir sobre os temas levantados.

Aliás, uma importante colocação sobre o slam é o lugar de produção de conhecimento e letramento sobre os sujeitos. As críticas e denúncias sociais não são feitas a partir da perspectiva do olhar colonial ou acadêmico, as palavras proferidas no slam trazem um panorama amplo do lugar ocupado pela mulher negra porque são proferidas a partir de suas vivências. É a descolonização do conhecimento, a ideia de “encontrar e

⁵ Disponível em <https://globoplay.globo.com/v/11050390/?s=0s>. Acesso em: 5 jun. 2023.

explorar formas alternativas e emancipatórias para sua produção” apontada pela escritora Grada Kilomba.

Este aspecto de letramento que é incorporado ao slam é expresso através de “desabafos sociais” e “transparência de uma interioridade” que se torna coletiva ao compartilhar pontos de encontro no discurso dos sujeitos, neste caso, das mulheres negras. Sendo assim, “estar no slam é ter a possibilidade de expressar um conhecimento que já se concretizou no interior de um povo” (Cristi, Lopes, 2022: 75).

O slam é um espaço emancipador e empoderador dos grupos marginalizados, que encontram neste local maior liberdade para se expressarem. Parafraseando D’Alva, o slam não é um espaço que dará voz ao sujeito, mas amplifica essas vozes e faz com que elas sejam ouvidas. Para a autora, são essas particularidades que tornam esta batalha performática a mais democrática.

Importante destacar que o slam não se tornou um espaço de expressão da periferia, ele já nasceu com esta visão. Para retomar ao berço de seu nascimento, a autora D’Alva (2014) traça a trajetória até a sua criação pelo poeta e operário da construção civil Mark Kelly Smith em um bar localizado em uma vizinhança da classe operária em Chicago. A tradição do primeiro slam se mantém até os dias de hoje não somente no Green Mill Jazz Club, sua casa materna, mas também em todo o mundo.

No Brasil, o slam chega através da Zona Autônoma da Palavra, o Zap! realizado pelo Núcleo Bartolomeu de Depoimentos, grupo idealizado pela autora D’Alva. O Zap acontece desde 2008 e é considerado o primeiro slam do país.

Contudo, é preciso ter cautela para não reduzir o slam apenas a uma competição. Nas palavras de D’Alva (2014), ele se tornou um movimento artístico, cultural e social que oferece um cenário de diálogos, conflitos e atritos.

O slam é feito pelas e para as pessoas. Pessoas que, apropriando-se de um lugar que é seu por direito, comparecem em frente a um microfone para dizer quem são, de onde vieram e qual mundo em que acreditam (ou não). É um espaço para que o sagrado direito à liberdade de expressão, o livre pensamento e o diálogo entre as diferenças sejam exercitados. Um espaço autônomo onde é celebrada a palavra, a fala e algo ainda mais fundamental num mundo como o que vivemos: a escuta (D’Alva, 2014: 120).

Em uma breve explicação, as batalhas de slam possuem algumas particularidades que tornam esta expressão ainda mais rica, como os jurados formados pela plateia que desempenham um papel primordial nas batalhas. Outras regras deste movimento são: as

poesias não podem ultrapassar três minutos de duração, não é permitido adereços cênicos e sonoros, e só é permitida a reprodução de textos próprios.

Sobre esta última regra, D'Alva (2014) faz uma importante colocação sobre o caráter de auto representação que as poesias abordam. Este é um ponto central no slam: as poesias que são altamente críticas e sociais partem de uma lógica pessoal.

A poesia e a literatura são artifícios utilizados expressamente pelos grupos marginalizados para denunciar os lugares que ocupam na sociedade. O conceito de escrevivência da autora Conceição Evaristo será pego emprestado para explicar assertivamente esta questão, uma vez que é a junção das palavras escrever e vivências. A premissa deste conceito é aquela já trazida anteriormente: as escritas dos indivíduos negros são carregadas pelas vivências impostas a eles por meio do cenário de discriminação e racismo estrutural.

Apesar de ser um termo ainda em construção academicamente e utilizado para designar a literatura de ficção, ele se aproxima perfeitamente do slam e é expressamente percebido nos textos de indivíduos negros.

Essa história silenciada, aquilo que não podia ser dito, aquilo que não podia ser escrito, são aquelas histórias que incomodam, desde o nível da questão pessoal, quanto da questão coletiva. A escrevivência quer justamente provocar essa fala, provocar essa escrita e provocar essa denúncia. E no campo da literatura é essa provocação que vai ser feita da maneira mais poética possível. Você brinca com as palavras para dar um soco no estômago ou no rosto de quem não gostaria de ver determinadas temáticas ou de ver determinadas realidades transformadas em ficções. (Evaristo, 2020)

A poesia falada do slam é o meio, ou um dos, que os slammers encontraram de despejar as emoções do seu viver e de promover um resgate da sua memória presente que é silenciada, este trabalho de juntar a vida e a poesia é intencional. Ainda se apoiando em Evaristo, “a escrevivência não é a escrita de si, porque esta se esgota no próprio sujeito. Ela carrega a vivência da coletividade” (Evaristo, 2022).

INTERSECÇÕES QUE ATINGEM A MULHER NEGRA

Em uma mesa no evento Feira do Livro da Revista Quatro Cinco Um⁶, a autora Sueli Carneiro proferiu uma frase curta, mas carregada de significados e onipresente na vida das mulheres negras: há limites na presença deste grupo na sociedade.

Para entender os discursos passados através das slammers negras, é preciso se contextualizar com a situação deste grupo no país. E a frase de Carneiro demonstra muito bem o lugar de marginalização que as mulheres negras ainda ocupam na sociedade. Isso se explica pelas intersecções que atingem este grupo e o empurram para a margem: a mulher negra ocupa um lugar de pobreza em uma sociedade capitalista, de mulher em uma sociedade machista e de negra em uma sociedade racista.

Portanto, dizer que há limites para a presença de mulheres negras é trazer à tona as intersecções de gênero, raça e classe que fazem com que elas não consigam alcançar certos espaços.

O termo interseccionalidade foi amplamente explicado e difundido, primeiramente, pela autora Kimberle Crenshaw (2002). Em uma analogia a fim de exemplificar as implicações que atingem a mulher negra, a autora usou a intersecção de ruas para demonstrar que raça, gênero e classe são temas sobrepostos na vida deste grupo, não sendo possível fazer uma dessocialização deles.

Em uma hierarquização social, característica do sistema capitalista, a mulher negra ocupa a base da pirâmide, justamente por conta das implicações que atingem o seu cotidiano. Lélia Gonzalez (2020) irá dialogar com este conceito de intersecção - em muitas obras suas- ao demonstrar e contestar os lugares historicamente destinados para as mulheres negras: a de empregada doméstica e mucama.

Lidar, por exemplo, com a divisão sexual do trabalho sem articulá-la com a correspondente ao nível racial é cair em uma espécie de racionalismo universal abstrato, típico de um discurso masculinizante e branco. Falar de opressão à mulher latino-americana é falar de uma generalidade que esconde, enfatiza, que tira de cena a dura realidade vivida por milhões de mulheres que pagam um preço muito alto por não serem brancas (Gonzalez, 2020: 129).

Este preço que as mulheres negras “pagam” por estarem posicionadas como negras e pobre/periféricas na sociedade é viver sobre uma asfixia social que, segundo Carneiro (2011), atinge negativamente este grupo em todas as dimensões de suas vidas, e isso fica

⁶ Estas falas foram acompanhadas ao vivo pela pesquisadora deste trabalho. Mais sobre o evento pode ser consultado através do link <https://www.quatrocincoum.com.br/br/noticias/a-feira-do-livro/todo-branco-e-beneficiado-pelo-racismo>

evidenciado quando pode-se perceber a diversidade de temas levantados pelas slammers em suas poesias que perpassam pelas questões de raça, gênero e classe. Ainda segundo a autora, estas questões se “manifestam em sequelas emocionais com danos a saúde mental e rebaixamento da autoestima; em uma expectativa de vida menor, em cinco anos, em relação à das mulheres brancas; em um menor índice de casamentos; e sobretudo no confinamento nas ocupações de menor prestígio e remuneração” (Carneiro, 2011: 109).

Para Patrícia Hills Collins (2017), a libertação da mulher negra perpassa, necessariamente, pelo abarcamento destas questões de gênero, classes e raciais. Não é nem preciso ressaltar que estes estudos não são debatidos em lugares de veiculação de discursos hegemônicos, mas, sim, em espaços simbólicos e sociais diferentes, como o slam.

São estes cenários de constante desigualdade que produzem as vivências das poetisas paulistas que serão analisadas neste trabalho. Ao se apoiar novamente no conceito de escrevivência, é natural que as poesias destas mulheres sejam marcadas por desabafos sociais de gênero, raça e classe.

Retornando ao cenário do começo desta seção, a escritora Bianca Santana também fez uma colocação certa nesta mesma mesa: as políticas de cuidado da população negra são uma forma de escapar do dispositivo de racialidade, e uma dessas políticas é a poesia.

O QUE HÁ POR TRÁS DAS POESIAS?

Importante ressaltar que neste trabalho, o aspecto estético das poesias do slam não será analisado. Este é um dos pontos que poderia ser objeto de estudo, assim como o uso do corpo e da voz para dar vida às poesias. Contudo, este não é um foco deste trabalho que se concentrará em uma análise de conteúdo das poesias para entender e exemplificar como o slam é um espaço potente de amplificação de discussões sociais.

O *corpus* de análise desta pesquisa é a transmissão da final do Campeonato de Poesia Falada de São Paulo de 2022, contudo, alguns materiais extras, como posts em redes sociais e vídeos de batalha do slam, também foram analisadas para sustentar as hipóteses apresentadas. Para isso, o apoio metodológico deste trabalho será a análise de conteúdo, uma vertente que se propõe examinar o conteúdo de forma objetiva e sistêmica, permitindo a identificação de padrões, tendências, temas recorrentes, opiniões expressas e outros elementos pertinentes.

Segundo a autora Laurence Bardin (1977), a análise de conteúdo é um método para jogar luz à “leitura simples do real”, tendo como objetivos ultrapassar as incertezas e enriquecer a leitura das comunicações. Para ela, esta metodologia de pesquisa é como um “conjunto de técnicas e análises das comunicações que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens” (Bardin, 1977: 38).

Partindo desse pressuposto, há uma série de técnicas que podem ser aplicadas dentro do escopo da análise de conteúdo. Para o objeto de estudo desta pesquisa, identificou-se que a técnica de análise de discurso serve como base para elucidar de onde partem os discursos, aqui representados pelas poesias faladas, das slammers.

Ainda se apoiando em Bardin (1977), há dois pontos que formam um discurso: as condições de produção e o sistema linguístico.

O discurso está situado e determinado não só pelo referente como pela posição do emissor nas relações de força e também pela sua relação com o receptor. O emissor e o receptor do discurso correspondem a lugares determinados na estrutura de uma formação social [...] Trata-se de descobrir as conexões que possam existir entre o exterior e o discurso, entre as relações de força e as relações de sentido, entre condições de produção e processos de produção. (Bardin, 1977: 214-215).

Como condições de produção, este trabalho considera as intersecções citadas na seção acima como as responsáveis por produzirem o lugar social em que as mulheres negras estão inseridas, lugar esse que é determinante para a produção de seus discursos. Quanto ao sistema linguístico, este não será tema central desta pesquisa, mas levando em consideração que a poesia falada permite uma liberdade poética linguística, os discursos das slammers são também bem demarcados pelas linguagens desse lugar social que elas ocupam, se comunicando muito bem com o seu receptor, ou seja, a plateia que costuma frequentar e têm interesse pelas batalhas de slam.

A inferência desta pesquisa é que as temáticas sociais relativas às mulheres negras não escapam das poesias das slammers negras da final do campeonato estadual, sendo elas emissores de um discurso que demonstra em cada verso todas as interseccionalidades que atingem suas vivências.

A REVOLTA SERÁ NEGRA, FEMININA E FEITA PELA PALAURA

isso aqui não é revolta da chibata, é a revolta da caneta
eu vou marcar a sua pele branca com cada uma das minhas pretas
[...]
nos vem da revolução

que nem correndo vocês vão alcançar
é para ficar em choque mesmo
que isso aqui é literatura periférica
cês não vão ter para trocar
(MATRIARCAK, 2022)

O Campeonato de Poesia Falada de 2022 foi palco de muitos debates em forma de poesia sobre negritude, racismo e machismo. Em uma edição marcada por seis participantes negros que abordaram temas de raça, cinco eram mulheres e levaram também percepções sobre a interseccionalidade de gênero e de classe, são elas: Matriarcak do Slam do Verso que foi a campeã da edição e se tornou bicampeã estadual, a Apêagá do Slam do Bronx, a Tawane Theodoro do Slam do 13zinho, a Vickvi do Slam Bzola, e a Tairini do Slam Independente. Cada slammer declamou três poesias, sendo uma em cada rodada.

Todas as poesias declamadas pelas poetisas acima citadas comprovam a hipótese que não há dessocialização de classe, raça e gênero quando se trata de mulher negra. As poesias trazem de forma explícita ou implícita escondida nos versos, assuntos como vivências das mulheres negras na maternidade, a realidade destas mulheres na periferia, a solidão da mulher negra em relacionamentos afetivos, o adoecimento mental da população negra, dentre outras temáticas extremamente relevantes para se pensar em vivências deste grupo.

Por vezes, estas questões estão implícitas e é preciso entender o que elas estão buscando transmitir com as suas poesias para além das palavras que estão sendo ditas. Ressalta-se que o corpo da mulher negra é um corpo político por si próprio, assim como o discurso.

E é justamente por carregar todo esse significado que um tema em comum que surgiu nas poesias da competição é a necessidade de se afastar um pouco da luta e sobre o estereótipo de guerreira e forte que as mulheres negras carregam, o que desumaniza e produz sequelas mentais nestes indivíduos. Esse assunto fica explícito, por exemplo, na poesia da slammer Tawane que trata sobre saúde mental e a necessidade de descanso.

somos da nova geração
da luta
a salvação de todo o pessoal
mas nunca individual
me empurraram o estereótipo de forte
e eu não consegui recuar

hoje eu só tenho a certeza que eu não posso errar
é que eu sou pesada demais
e tá foda de me aguentar
o quanto a militância já te salvou
mas o quanto ela já te abalou
e isso cansa
(TAWANE, 2022)

É merecido que estas mulheres por vezes não queiram partir deste lugar para expor suas falas, mas isso também é um indicativo de onde elas pertencem, fazer esse distanciamento é dizer sem as palavras o fardo de ver a sua cor e gênero chegando primeiro e impondo lugares de subalternidade e violência, sejam elas institucionais ou físicas, em seus corpos. Um tema atual do movimento negro é justamente sobre a importância da pauta racial não ser abordada apenas pela pessoas negras; se faz necessário brancos se engajarem nesta luta e se tornarem amplificadores dos discursos antirracistas.

Sobre esta temática, pode-se recorrer novamente à Lélia Gonzalez (2020) e à sua leitura sobre os lugares historicamente destinados para as mulheres negras. A autora diz que há alguns atributos corporais que tipificam culturalmente os negros: força/resistência física e ritmo/sexualidade.

Pressupor que a mulher negra é um indivíduo forte é violento e uma forma de justificar todas as violências que elas passam. Além disso, é recorrer diretamente às injustiças sociais que este grupo vivenciou e ainda vivencia: a estereotipificação de resistência para a escravidão e o local de servidão e trabalhos braçais que estas mulheres ocupam desde antes mesmo das mulheres brancas começarem a trabalhar.

Muitas questões que surgiram nas poesias são marcadores temporais do que estava ocorrendo no Brasil quando o campeonato paulista aconteceu. Em outubro, o país foi às urnas para as eleições presidenciais em que o ex-presidente Bolsonaro e o atual presidente Luiz Inácio Lula da Silva disputavam. Alguns versos das poesias fazem críticas ao ex-presidente e contrapõem as falas dele e de seus apoiadores com o cotidiano da periferia, uma vez que seu governo foi marcado pelo retrocesso e abandono de direitos dos grupos marginalizados.

Uma questão levantada é sobre a Covid-19, vírus responsável por uma pandemia mundial que resultou em milhares de mortes, contaminados e uma recessão econômica que atingiu, em sua maioria, a população periférica e negra.

e ó, de onde eu venho não é só o auxílio que é emergencial
na quebrada nois prefere morrer de covid
do que pela mão do policial
sim, é trágico o final
eles fazem arminha com a mão
não sabem o hino nacional
querem falar de educação?
(MATRIARCAK, 2022)

Os três primeiros versos desta poesia mostram como a temática do genocídio do povo negro, inclusive como projeto institucional, acaba sendo inevitável e sempre levantado por esta população. Muitas poesias tratam sobre como a população negra é a que mais morre nas mãos dos policiais⁷ e trazem à memória vítimas do Estado, inclusive demonstrando como esse povo vive constantemente com medo de serem os próximos.

nossos guerreiros estão presos, mortos, seja figurada ou literalmente
faz parte da manutenção do capital
é secular o massacre da nossa gente
por isso, revolução está aqui
trabalho de formiga nas ruas
já parou pra pensar que esta pode ser a sua última vez
então não desperdice a sua voz, símbolo de luta
muita gente foi silenciada até que chegue a sua vez
(TAIRINI, 2022)

Avançando com a análise, outro ponto em comum que aparece em versos de algumas poesias é quanto ao processo identitário da mulher negra e como os processos de discriminação atrapalham isso, tomando como ponto de partida o cabelo.

passei por 4 anos de transição
4 anos de humilhação e zero aceitação
pra hoje em dia branco vir falar
que eu to usando black porque tá na moda

⁷ Disponível em <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2021/07/15/letalidade-policial-e-a-mais-alta-da-historia-negros-sao-78-dos-mortos.htm>. Acesso em 6 de junho de 2023.

há 10 anos atrás cê falou que era feio
há 4 anos mandou eu alisar meu cabelo
[...]
se eu pudesse voltar pra eu criança
ia falar “nega não se nega”
“nega se enxerga”
“ignora olhares e falas...”
quando você for cair, para e pensa
você não pode cair pro black não amassar
(VickVi, 2022)

O cabelo é um dos pontos centrais da identidade da mulher negra. Segundo Nilma Lino Gomes (2008), o cabelo é muito mais do que apenas estética, mas se converte em um ícone identitário e de expressão da negritude, não podendo ser separado do campo político e econômico. A recepção deste cabelo na sociedade também não é isenta: ele é um signo que comunica e informa as relações raciais. Sendo assim, e como apontado na poesia acima, pode-se entender que quando uma mulher negra muda a estrutura do seu cabelo, isso pode significar que ela está tentando sair do lugar de inferioridade ou de introjeção deste, uma vez que os cabelos cacheados e crespos são objetos de discriminação e marginalização.

Uma observação levantada na análise é que quando as poetisas abordam questões relativas às violências de gênero das quais são submetidas, elas sempre carregam as marcas de raça também. Pode-se citar o exemplo da solidão da mulher negra que algumas abordam de forma implícita e que certamente não compartilham da mesma vivência que mulheres brancas.

você diz que eu sou gostosa
mas não quer se envolver comigo
não, na verdade você até se envolve
mas nunca apresentou para os amigos
(MATRIARCAK, 2022)

As vivências de mulheres negras em relacionamentos afetivos, por vezes, são marcadas pelas violências de raça também, uma vez que são vistas historicamente como fonte de prazer, mas não para relacionamentos sérios. Gonzalez (2020) utiliza a figura da

mulata para explicar a sexualização deste grupo ao dizer que isso é fruto do embranquecimento e que “nós sempre somos vistas como corpos: ou como um corpo que trabalha, que é burro de carga, que trabalha e ganha pouco, ou como um corpo explorado sexualmente, que é o caso da mulata, símbolo dessa ideologia” (Gonzalez, 2020: 287).

Somando à essa ideia, a autora Beatriz Nascimento (1990) faz um resgate histórico para dizer que restou à mulher negra o local também de mão-de-obra. Aqui está um ponto de convergência com a autora Gonzalez ao colocar este corpo da mulher negra reduzido unicamente para o trabalho ou prazer. Além disso, Nascimento faz outra colocação certa que explica a solidão da mulher negra quando se trata de relacionamentos afetivos: a sociedade privilegia padrões estéticos com maior grau de embranquecimento. Sendo assim, “seu trânsito afetivo é extremamente limitado. Há poucas chances para ela numa sociedade em que a atração sexual está impregnada de modelos raciais, sendo ela representante da etnia mais submetida” (Nascimento, 1990: s/p).

Um dos relatos mais fortes e impactantes sobre esta temática é da poeta Matriarcak, que também aborda sobre violência doméstica em uma poesia e perpassa a temática de maternidade solo em muitas outras.

Outro ponto observado é que a ancestralidade e a citação de figuras importantes da população negra é frequente nas poesias. Contudo, a poeta Apeagá traz uma particularidade nas suas: além da interseccionalidade de raça e classe, seu discurso é transpassado pelas suas vivências como mulher transsexual.

eu não serei atingida
porque minhas transestrais não deixa
eu aprendi que no jogo da vida
trava nao deita[...]
é que eu sou trava poética
nao sou trava estática
vim para hackear as práticas
e contrariar as estatísticas
(APEAGÁ, 2022)

O termo transestralidade é muito empregado em suas poesias e vai de encontro com a importância ancestral abordada nas poesias das outras poetisas. Ao juntar o termo ancestralidade e transsexual, a poeta busca recorrer às experiências coletivas de outros

transsexuais na sociedade brasileira e dizer a importância do reconhecimento de outros indivíduos que compartilham o mesmo grupo identitário. Apesar do termo ainda não ser muito utilizado academicamente, Lucas Silva Dantas (2022) traz um panorama dizendo que

esses sujeitos históricos carregam a memória daquilo que foi e parte da solução para transver aquilo que virá. Existe um caminho possível na exploração destas existências seculares e no rastro que elas deixaram, seja as que ainda existem ou as que se foram e cravaram suas passagens dilatadas em registros como imagens, vídeos, documentos históricos, autobiografias, poesia, notas de jornais, entre outras fontes (Dantas, 2022: 111).

Por fim, uma reflexão que se pode levantar a partir das poesias declamadas é o caráter metalinguístico das escritas. Inclusive, colocando a poesia como contraponto das violências que a população negra sofre.

Muitas poetas abordam nos versos como a poesia é um meio de explorarem as suas vivências, de cura e de fazerem suas lutas também. Aliás, a questão da auto representatividade que a poeta D'Alva apontou como essencial fica explícita através de pronomes possessivos e em verbos conjugados sempre em primeira pessoa.

APONTAMENTOS FINAIS

Ao analisar as poesias declamadas pelas mulheres negras na final do Campeonato de Poesia Falada de 2022, é possível apontar a inferência levantada por esta pesquisa: as intersecções de raça, classe e gênero não escapam da expressão poética.

As poetas aqui levantadas exploram a complexidade de suas experiências, desvendam a interseccionalidade de suas identidades e apresentam perspectivas únicas e necessárias em espaços dominados por narrativas hegemônicas.

O slam como um produto cultural, ou melhor, como expressão artística se converte em um espaço de escuta, acolhimento e compartilhamento de vivências que precisam ser ouvidas pelo público. São escritas não só de desabafo social, mas também de denúncia sobre as opressões sistêmicas que estas mulheres sofrem.

As narrativas são ricas em complexidade, abordando questões como raça, gênero, classe, sexualidade e muitas outras dimensões da identidade. A interseccionalidade é uma abordagem fundamental nessas poesias, reconhecendo que as experiências das mulheres negras são moldadas por diferentes formas de opressão que se entrelaçam.

Além disso, o slam se torna não somente um meio de expressão, mas também de cura e de celebração das identidades negras também. Vale lembrar que o próprio espaço de campeonatos e batalhas de slam são ambientes que fazem uma ode à cultura preta, onde são incluídos elementos do hip-hop, por exemplo, nos intervalos e outras apresentações artísticas.

Esta pesquisa não teve como objetivo de nenhuma forma categorizar as poesias das poetas, mas, sim, mostrar como o contexto social está presente em suas escritas. As poetas negras falam também sobre outras vertentes que não são remetidas às dores e violências que atingem este grupo, expressam isso ao abordar diversos assuntos e reforçar que são maiores do que as amarras que lhe atingem.

O slam pode ser considerado um verdadeiro diagnóstico da situação da mulher negra periférica, os temas em comum das poesias mostram que a prática individual informa o coletivo e que as palavras carregam muito mais do que são ditas. Quer entender o contexto não só da mulher negra, mas também da população negra e periférica no geral? Assista uma batalha de slam.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Persona, 1977.

CARNEIRO, Sueli. **Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil**. São Paulo: Selo Negro, 2011.

COLINS, Patricia. **Se perdeu na tradução? Feminismo negro, interseccionalidade e política emancipatória**. Revista Parágrafo, 2017. Disponível em: <https://revistaseletronicas.fiamfaam.br/index.php/recicofi/article/view/559>. Acesso em: 06 mai. 2022.

CRENSHAW, Kimberle. **A interseccionalidade da discriminação de raça e gênero**. Disponível em:

https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4253342/mod_resource/content/1/InterseccionalidadeNaDiscriminacaoDeRacaEGenero_KimberleCrenshaw.pdf. Acesso em: 30 mai. 2023.

CRISTI, Miguel Ahumada; LOPES, Aislene da Silva. O Slam: linguagem, conhecimento e conscientização. **PragMATIZES - Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura**, Niteroi, ano 12, n.23, p-165-190, set.2022.

D'ALVA, Roberta Estrela. **Teatro Hip-Hop: a performance poética do ator-mc**. São Paulo: Perspectiva, 2014.

D'ALVA, Roberta Estrela. **Slam: Voz de Levante**. Revista Rebento, São Paulo, n.10, p. 268-286, jun. 2019.

DANTAS, Lucas Silva. Metodologia da Resistência Transcestral: Pensando gênero a partir da teoria, da vivência e da articulação política. **Revista Brasileira de Estudos da Homocultura**, v. 4, n.18, 2022.

DUARTE, Constância; NUNES, Isabella. **Escrevivência: a escrita de nós reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020

GOMES, Nilma. **Corpo e cabelo como símbolos da identidade negra**. UDESC, 2008.

Disponível em:

http://titosena.faed.udesc.br/Arquivos/Artigos_textos_sociologia/Negra.pdf. Acesso em: 05 mai. 2023.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano**. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

HERMINIO, Beatriz. A escrevivência carrega a escrita da coletividade, afirma Conceição Evaristo. **Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo**, 03 ou. 2023.

Disponível em:

<http://www.iea.usp.br/noticias/a-escrevivencia-carrega-a-escrita-da-coletividade-afirma-conceicao-evaristo>. Acesso em: 5 jun. 2023.

KILOMBA, Grada. O racismo está sempre se adaptando ao contemporâneo. **Cult**, 07 abr. 2016. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/grada-kilomba/>. Acesso em: 30 mai. 2023.

NASCIMENTO, Beatriz. A mulher negra e o amor. **Geledes**, 31 mai. 2009. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/a-mulher-negra-e-o-amor/>. Acesso em: 06 jun. 2023.

NEVES, Cynthia Agra. Slams - letramentos literários de reexistência ao/no mundo contemporâneo. **Linha D'Água**, [S. l.], v. 30, n. 2, p. 92-112, 2017.

OLIVEIRA, E. C. DE; RICIERI, F. F. W. Vozes das mulheres negras nos saraus e slams da cidade de São Paulo. **Scripta**, v. 24, n. 52, p. 378-402, 18 dez. 2020.

SANTANA, Tayrine Santana; ZAPPAROLI, Alecsandra. CONCEIÇÃO EVARISTO – “A escrevivência serve também para as pessoas pensarem”. **Itaú Social**, 09 nov. 2020.

Disponível em: <https://www.itausocial.org.br/noticias/conceicao-evaristo-a-escrevivencia-serve-tambem-para-as-pessoas-pensarem/>. Acesso em: 05 jun. 2023.